

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE IPORÁ-UNIPORÁ  
BACHAREL EM PSICOLOGIA**

**LARISSE MORAES RODRIGUES**

**A MEDIAÇÃO SOCIAL NO AUTISMO INFANTIL: UM OLHAR À LUZ  
DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL**

**IPORÁ-GO  
2025**

**LARISSE MORAES RODRIGUES**

**A MEDIAÇÃO SOCIAL NO AUTISMO INFANTIL - UM OLHAR À LUZ DA  
TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL**

Artigo apresentado à Banca Examinadora do Curso de Bacharel em Psicologia Centro Universitário de Iporá-UNIPORÁ como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Ma. Dyullia Moreira de Sousa

**BANCA EXAMINADORA**

Dyullia Moreira de Sousa.  
Dyullia Moreira de Sousa

Presidente da Banca e Orientadora

Antônio Mendes da Rocha Filho.  
Antônio Mendes da Rocha Filho

Tauana Michele Duarte Bezerra  
Tauana Michele Duarte Bezerra

**IPORÁ-GO**

**2025**

# A MEDIAÇÃO SOCIAL NO AUTISMO INFANTIL - UM OLHAR À LUZ DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

## SOCIAL MEDIATION IN CHILDHOOD AUTISM – A PERSPECTIVE THROUGH THE LENS OF HISTORICAL-CULTURAL THEORY

*Larisse Moraes Rodrigues<sup>1</sup>*

*Dyullia Moreira de Sousa<sup>2</sup>*

### RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é frequentemente abordado sob a perspectiva do modelo biomédico tradicional, que tende a enfatizar déficits e limitações individuais. Em contraste a essa visão, a Teoria Histórico-Cultural (THC) de Lev Vygotsky oferece uma concepção teórica significativa, ao defender que a formação do indivíduo não ocorre de maneira isolada, mas sim por meio da interação com o outro e com o meio. Assim, a THC ressalta a importância crucial da mediação social e das interações para o desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores (FPS). Essa perspectiva se mostra especialmente relevante no contexto do TEA, por valorizar o potencial de desenvolvimento de cada indivíduo, em vez de focar exclusivamente em suas limitações. O presente estudo, de caráter qualitativo e bibliográfico, utilizou a Revisão Integrativa de literatura, analisando produções publicadas entre 2014 e 2025. O objetivo central foi investigar de que forma as práticas mediadoras, à luz da Teoria Histórico-Cultural, podem favorecer o desenvolvimento integral de crianças com TEA. Os achados da revisão indicam que estratégias planejadas, que incluem brincadeiras, atividades em grupo e o uso de recursos culturais, promovem avanços significativos na aprendizagem, na autonomia e na inserção social. Conclui-se que a mediação social constitui uma ferramenta essencial para superar as visões restritivas do autismo e, consequentemente, fortalecer a educação inclusiva.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Teoria Histórico-Cultural. Mediação.

### ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is frequently addressed under the perspective of the traditional biomedical model, which tends to emphasize individual deficits and limitations. In contrast to this view, Lev Vygotsky's Cultural-Historical Theory (CHT) offers a significant theoretical conception, advocating that the formation of the individual does not occur in

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário de Iporá-UNIPORÁ, GO. Email: [larissemraaes157098@gmail.com](mailto:larissemraaes157098@gmail.com)

<sup>2</sup> Orientadora. Mestre em Psicologia e Docente no Centro Universitário de Iporá - UNIPORÁ. Email: [psi.dyullia@gmail.com](mailto:psi.dyullia@gmail.com)

isolation, but rather through interaction with others and the environment. Thus, CHT highlights the crucial importance of social mediation and interactions for the development of Higher Psychological Functions (HPF). This perspective proves especially relevant in the context of ASD, as it values the developmental potential of each individual, instead of focusing exclusively on their limitations. The present study, which is qualitative and bibliographic in nature, utilized the Integrative Literature Review method, analyzing publications from 2014 to 2025. The central objective was to investigate how mediating practices, in light of the Cultural-Historical Theory, can foster the integral development of children with ASD. The findings of the review indicate that planned strategies, including play, group activities, and the use of cultural resources, promote significant advancements in learning, autonomy, and social inclusion. It is concluded that social mediation constitutes an essential tool for overcoming restrictive views of autism and, consequently, strengthening inclusive education.

Keywords: Autism Spectrum Disorder 1, Historical-Cultural Theory 2, Mediation 3

## 1 INTRODUÇÃO

Decifrar o autismo a partir da concepção histórico-cultural implica deslocar o olhar do déficit para a possibilidade, da limitação para a oportunidade de desenvolvimento mediado e da biologia para a dimensão cultural.

Historicamente, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem sido compreendido sob uma perspectiva biomédica, centrada em classificações diagnósticas que priorizam as limitações e comprometimentos individuais. Desde a inclusão do autismo na CID-10, na categoria dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (OMS, 1993), até o DSM-5-TR (APA, 2023), prevaleceu uma abordagem clínica que orienta a identificação de dificuldades em interação social, comunicação e comportamentos repetitivos e restritivos (Aires, 2023). Embora fundamentais para o diagnóstico e a intervenção clínica, tais classificações tendem a restringir a compreensão do sujeito autista a um conjunto de sintomas, negligenciando os contextos sociais, culturais e históricos nos quais a criança está inserida.

Em contraposição a esse enfoque reducionista, emergem contribuições teóricas que buscam superar a visão patologizante do autismo, entre as quais se destaca a Teoria Histórico-Cultural (THC), desenvolvida por Lev Vygotsky. Essa perspectiva atribui papel central à mediação social, à linguagem e às interações no processo de constituição das funções psicológicas superiores. Como ressalta Vygotsky (2018 *apud* Freitas; Silva, 2025), é do comportamento coletivo, da colaboração com outras pessoas e da experiência social que

nascem as funções superiores da atividade intelectual. Assim, o desenvolvimento humano é compreendido como um processo dialético, constituído socialmente e mediado pela cultura (Martins; Moreira, 2021). Desse modo, a interpretação do autismo embasada na concepção histórico-cultural requer o reconhecimento de que o desenvolvimento se elabora através das trocas sociais e não somente por meio de fatores biológicos.

Diante da prevalência de abordagens reducionistas pautadas na visão organicista sobre o autismo, torna-se necessário a superação desses referenciais, adotando uma perspectiva que valorize as potencialidades e compreenda as influências sócio-históricas. O presente estudo, portanto, tem como objetivo analisar criticamente o autismo infantil na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural, destacando práticas mediadoras como contribuintes no processo do desenvolvimento global da criança autista, de modo a ressignificar concepções tradicionais e oferecer subsídios para intervenções educativas, psicológicas e sociais que corroboram com o processo de formação da criança TEA. Para tal, tem como objetivos específicos: compreender os fundamentos teóricos da THC; Discorrer sobre o TEA infantil, bem como sobre o desenvolvimento da criança atípica sob a perspectiva de Vygotsky.

Parte-se do pressuposto de que o desenvolvimento é culturalmente mediado e estruturado por influências sociais. Assim, os contextos ambientais da criança, devem se apresentar como espaços de humanização em uma concepção que desconsidera a patologização e promove o direito à diferença.

## 1.1 REVISÃO TEÓRICA

### 1.1.1 A Teoria Histórico-Cultural: Fundamentos e Princípios

O diálogo acerca do desenvolvimento humano perpassa distintas áreas do conhecimento, de modo a evidenciar os meios de aprendizagem, transformação e constituição do indivíduo. Nesse sentido, Lev Vygotsky trouxe contribuições fundamentais ao demonstrar o modo de estruturação do ser através das relações sociais, interações culturais e contexto histórico, político, econômico e ambiental ao qual este está inserido (Melo *et al.*, 2023).

Martins e Moreira (2021) apresentam a inovação teórica de Vygotsky, ao estabelecer uma articulação entre a psicologia, história e ao compreender os processos psíquicos como resultados de relações sociais. Inserido no contexto pós-Revolução Russa de 1917, Vygotsky dialogou com o materialismo histórico-dialético de Marx, assumindo uma visão do homem

como um ente histórico e social em constante transformação. Nessa perspectiva, os aspectos biológicos, isoladamente, não explicam o desenvolvimento.

Nesse sentido, percebe-se que o marxismo foi além de influência filosófica para Vygotsky, representando também o percurso ao qual lhe possibilitou entender o ser humano em sua totalidade, como indivíduo atravessado pela história, pelas relações sociais e pela cultura. O método materialista histórico-dialético permitiu a compreensão dinâmica da vida psíquica, em constante movimento e transformação, superando perspectivas reducionistas que isolavam o indivíduo de seu contexto. Tendo a dialética como base, Vygotsky passou a perceber o desenvolvimento humano como algo que se elabora nas interações e trocas sociais, em que o sujeito se forma ao mesmo tempo em que forma e transforma o contexto à sua volta (Martins; Moreira, 2021).

Em suas palavras,

do comportamento coletivo, da colaboração da criança com as pessoas que a cercam e de sua experiência social nascem as funções superiores da atividade intelectual (Vygotsky, 2018 *apud* Freitas; Silva, 2025, p. 210).

Assim, alinhados aos pressupostos de Vygotsky, Freitas e Silva (2025), reforçam que a constituição das funções cognitivas mais complexas da criança, como a memória, raciocínio e atenção, não se estabelecem isoladamente, mas sim, a partir do contato com os pares e da participação em atividades sociais e culturais. Ou seja, é a partir da interação social que a criança aprende, internaliza conceitos e organiza habilidades intelectuais mais elaboradas, assim, a aprendizagem precede e impulsiona o desenvolvimento, não representando apenas seu reflexo.

Sua perspectiva contempla quatro trajetórias inter relacionadas, da espécie (filogênese), do indivíduo (ontogênese), da sociogênese (história dos grupos sociais e culturais) e da microgênese (história do desenvolvimento de habilidades ou processos psicológicos particulares que se desenvolvem em um intervalo de tempo limitado) (Moura, *et al.*, 2016), o que sublinha a tese de que a maturação biológica assume papel secundário frente à influência central da cultura. Assim, a THC propõe uma visão integral do sujeito, articulando dimensões internas e externas e reafirmando que os aspectos inatos, por si só, não são suficientes para a constituição do indivíduo sem a mediação do contexto social e cultural (Melo *et al.*, 2023).

Sua obra inovadora destaca que o comportamento é construído desde a infância por meio do acúmulo de experiências e saberes culturalmente transmitidos. Nesse processo, a

linguagem assume papel central, marcando a passagem da história natural para a história social do homem e configurando-se como mediadora dos processos psíquicos superiores. Vygotsky explica que funções inicialmente externas e sociais se tornam internas através do processo de internalização, em que o sujeito se apropria de signos e significados produzidos coletivamente (Martins; Moreira, 2021).

Lima (2019) destaca que entre os conceitos mais conhecidos de Vygotsky, está a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), cuja formulação contou com contribuições de autores como Ernest Meumann e Dorothea McCarthy.

A ZDP é definida como a distância entre o nível de desenvolvimento real, aquilo que a criança realiza sozinha, e o nível de desenvolvimento potencial, aquilo que ela pode realizar com auxílio de adultos ou pares mais experientes. Essa noção amplia a compreensão do desenvolvimento, pois considera não apenas as funções já consolidadas, mas também aquelas em construção, que podem ser mobilizadas por meio de mediações pedagógicas intencionais (Lima, 2019).

A THC, portanto, comprehende o desenvolvimento humano como um fenômeno dialético, articulando dimensões interpessoais e intrapessoais, externas e internas, permitindo a transformação tanto do indivíduo quanto do meio.

O conceito de zona de desenvolvimento proximal pode ser visto a partir da perspectiva construtivista de Lev Vygotsky como uma forma de interpelar as perspectivas tradicionais sobre o modo de abordar os processos de aprendizagem num caminho que vai de uma questão individual, para passar a ser pensado como um problema coletivo e, por conseguinte, do vínculo do sujeito com os outros. (Granovsky, 2018, p.117)

Esse conceito reformula a abordagem tradicional da aprendizagem, transferindo o enfoque do desempenho individual para o processo social e coletivo, evidenciando que o desenvolvimento se concretiza por meio da interação e da mediação social, em alinhamento com a perspectiva histórico-cultural. Assim, o aprender passa a ser visto como processo coletivo e social, elaborado por intermédio das interações e vínculos entre as pessoas (Granovsky, 2018).

Nessa mesma direção, Loureiro, Cardoso e Chiote (2022) destacam que para Vygotsky, o desenvolvimento humano se dá através da interação entre natureza e cultura, e por meio das interações sociais e linguagem, elementos essenciais para inserção no meio cultural, que o indivíduo se desenvolve e adquire conhecimento. Logo, todas as crianças, incluindo as que estão no espectro autista, apresentam condições de aprendizagem e desenvolvimento pleno

quando possuem as mediações devidas e as oportunidades de interação e participação social, suas limitações não devem ser analisadas como definidoras de suas capacidades, essas barreiras são construídas socialmente.

Nesse sentido, o brincar é entendido como elemento essencial no desenvolvimento infantil, uma vez que possibilita à criança o exercício da imaginação, compreensão de regras, criatividade e assimilação de valores sociais. Para crianças com autismo, essa vivência pode se manifestar de maneira distinta e exigir um olhar atento por parte dos docentes, dado que, na educação infantil, o professor é responsável pela organização prática e pedagógica que enfatiza interações e brincadeiras, de modo a favorecer a inclusão de todos, considerando as particulares de cada criança e possibilitando o desenvolvimento de suas capacidades individuais (Loureiro, Cardoso, Chiote, 2022).

Estabelecidos os fundamentos da teoria, torna-se oportuno analisar a abordagem do TEA infantil no campo científico, bem como as contribuições da THC na ressignificação dessas concepções.

### 1.1.2 Autismo Infantil: Característica e Diagnóstico

Aires (2023) destaca que o termo “autismo” foi introduzido em 1911 pelo psiquiatra Eugen Bleuler para descrever o isolamento social observado em indivíduos com esquizofrenia. Posteriormente, a CID-10 (OMS, 1993) passou a classificar o autismo dentro dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (F84), incluindo condições como Autismo Infantil, caracterizado por um desenvolvimento atípico ou comprometido antes dos três anos de idade, de modo a afetar significativamente a comunicação, a interação social e o comportamento, com sinais parecidos o Autismo Atípico, que diferentemente do primeiro, inicia após os três anos e a Síndrome de Asperger, definida por dificuldades na interação social e interesses restritos, porém sem atraso significativo na linguagem ou na cognição.

Com o progresso das investigações científicas, a 11<sup>a</sup> edição da Classificação Internacional de Doenças (CID-11) foi lançada em 2019 e passou a vigorar globalmente em 2022. Nessa revisão, o autismo foi incluído na categoria de Transtornos Mentais, Comportamentais ou do Neurodesenvolvimento, recebendo o código 6A02 e a nomenclatura oficial de Transtorno do Espectro Autista (TEA), que segundo Lemos, Nunes e Salomão (2020) é a condição de causas múltiplas que interfere desde cedo no desenvolvimento social, na comunicação e no comportamento, prejudicando o funcionamento global do indivíduo.

A revisão da CID reconhece a ampla diversidade do TEA, caracterizando-o pela presença contínua com diferentes níveis de intensidade, de dificuldades na comunicação e na interação social, associadas a comportamentos, interesses e atividades repetitivas e restritivas. Esses sinais podem ser notados desde os primeiros anos de vida, mas tendem a se tornar mais evidentes ao passo que as exigências sociais superam as capacidades individuais. Ademais, o aumento nos diagnósticos é atribuído a fatores como maior exposição a elementos causais, ampliação dos critérios diagnósticos e crescimento do número de profissionais capacitados para identificar e avaliar o transtorno. Esse cenário reforça a relevância social do tema, especialmente no que se refere à garantia de direitos, ao acesso a serviços especializados e à inclusão em escolas regulares (Aires, 2023; Lemos, Nunes, Salomão, 2020).

O DSM-5-TR (APA, 2023) define critérios diagnósticos que incluem déficits persistentes na comunicação e interação social, comportamentos e interesses repetitivos e restritivos, início dos sintomas no desenvolvimento, prejuízos significativos em várias áreas da vida e exclusão de outros diagnósticos. Além disso, o TEA é classificado em três níveis de suporte: Nível 1 (necessita apoio), Nível 2 (apoio substancial) e Nível 3 (apoio muito substancial). (APA, 2023; Aires, 2023).

Embora CID e DSM sejam ferramentas essenciais no diagnóstico e intervenção, ambos seguem principalmente o modelo médico, que tende a reduzir a percepção do indivíduo com TEA a um conjunto de sintomas, ignorando os contextos sociais, culturais e históricos que influenciam sua vida. Nesse âmbito, Aires (2023) discorre sobre autores como Bianchetti (1995) e Diniz (2007) que analisam o tema sob o foco das barreiras geradas pela sociedade, buscando compreender a deficiência não apenas como um fenômeno biológico, mas também como uma construção social. Esse enfoque teórico está alinhado à perspectiva de Vygotsky, que comprehende a deficiência infantil sobretudo como um fenômeno social. Para o teórico, o desenvolvimento humano se dá por meio das interações sociais e da influência cultural, logo, a educação de uma criança com TEA deve ir além do suporte às suas habilidades, buscando principalmente a garantia de sua inclusão e a proporção de experiências culturais enriquecedoras que favoreçam o desenvolvimento das funções psicológicas superiores (Aires, 2023).

Por conseguinte, a reflexão sobre o TEA exige superar uma visão reducionista embasada unicamente no diagnóstico clínico e reconhecer o indivíduo em sua totalidade, suas potencialidades, singularidades e limitações. Apesar do CID e DSM oferecerem as diretrizes base para o diagnóstico e intervenção, analisá-los juntamente a abordagens pedagógicas e

sociais é fundamental. É a partir dessa integração que se torna possível o embasamento prático inclusivo capaz de promover a participação ativa e plena de indivíduos TEA na vida social (Aires, 2023; Loureiro, Cardoso, Chiote, 2022).

### 1.1.3 Desenvolvimento Infantil e Autismo Sob a Perspectiva Histórico-Cultural

Vygotsky é considerado referência mundial nos estudos sobre o desenvolvimento humano, sendo suas ideias amplamente discutidas mesmo após seu falecimento em 1934 (Nascimento, 2024). Em contraposição a Jean Piaget<sup>3</sup>, que deu ênfase aos aspectos biológicos e universais do desenvolvimento, Vygotsky destacou a cultura, o contexto histórico e as interações sociais como elementos centrais. Dessa forma, sua perspectiva pode ser descrita como cognitivista, devido ao foco na compreensão da construção do conhecimento; interacionista, por entender o aprendizado como resultado das relações entre criança e meio; e construtivista, por considerar o ser humano capaz de contínua transformação (Santos; Oliveira; Junqueira, 2014). Vygotsky entende que o desenvolvimento não segue uma linha reta, mas um movimento dialético, um processo dinâmico e não linear (Vygotsky, 2009).

Paoli e Machado (2022), citam a concepção de Angel Pino sobre a indivisibilidade entre natureza e cultura, dado que, a cultura surge da natureza e simultaneamente a modifica, enquanto Leontiev aponta duas leis fundamentais para o desenvolvimento: a biológica, relacionada à adaptação do organismo, e a sócio-histórica, vinculada à organização simbólica e social. Assim, o ser humano não está restrito à herança genética, mas transforma a realidade por meio da criação de ferramentas e significados. Nascimento (2024) reforça que aprendizagem e desenvolvimento não são processos idênticos, tampouco independentes, mas articulam-se de forma dinâmica, sendo a aprendizagem um motor essencial para o desenvolvimento.

Seguindo o raciocínio de Vygotsky, o desenvolvimento da criança é profundamente moldado pela aprendizagem, que promove mudanças internas sempre que ela interage com pessoas mais experientes, sejam adultos ou colegas. No início, essas habilidades se apresentam de forma externa (interpsíquica), manifestando-se nas interações sociais; com o tempo, elas são internalizadas (intrapsíquicas), transformando-se em capacidades independentes da criança. Esse processo está diretamente ligado à ideia de ZDP, que mostra

---

<sup>3</sup> Jean Piaget (1896–1980) foi um influente psicólogo e epistemólogo suíço, conhecido por suas significativas contribuições ao entendimento do desenvolvimento cognitivo das crianças. Seus estudos trouxeram revoluções quanto a compreensão da forma de construção do conhecimento, transferindo o destaque da mera recepção de informações ao processo ativo de elaboração das estruturas mentais.

como a mediação social e cultural possibilita que a criança avance em seu desenvolvimento além do que conseguiria sozinha (Vygotsky, 2009)

Assim, o ser humano é compreendido como agente ativo, social e histórico, que internaliza signos e símbolos a partir das interações, transformando-os em processos psicológicos superiores (Nascimento, 2024).

Na educação, Vygotsky defendia que a aprendizagem deveria ocorrer em grupos heterogêneos, nos quais as diferenças de idade e experiências favorecessem o desenvolvimento coletivo. As interações entre crianças e adultos proporcionam observação, imitação e apropriação da cultura, permitindo que a criança construa conhecimentos significativos (Santos; Oliveira; Junqueira, 2014). Nesse processo, a mediação se apresenta como mecanismo fundamental, tanto social, mediada por interações humanas, quanto instrumental, apoiada em objetos e recursos materiais que concretizam conceitos abstratos (Nascimento, 2024).

Essa perspectiva é especialmente relevante quando aplicada ao desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A Psicologia Histórico-Cultural (PHC) concebe toda criança como capaz de aprender, inclusive aquelas com trajetórias atípicas, ressaltando que a aprendizagem não é consequência do desenvolvimento, mas seu motor (Martins; Moreira, 2021). Nesse sentido, práticas pedagógicas planejadas, como o brincar, a interação com pares e o acesso a experiências culturais, assumem papel essencial na constituição das funções psicológicas superiores, promovendo a inclusão e o desenvolvimento integral (Loureiro; Cardoso; Chiote, 2022).

Conforme Freitas e Silva (2025), a ótica histórico-cultural entende que a dimensão biológica do TEA constitui apenas o ponto inicial, mas não determina o curso do desenvolvimento, que se constrói pela mediação social e cultural. Assim, as características biológicas do autismo não configuram, por si só, a deficiência, a qual é definida em grande medida pelas respostas sociais e educacionais do ambiente. Com base em Vygotsky (2007 *apud* Chicon *et al.*, 2019), a aprendizagem está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento, desde os primeiros momentos de vida, sendo reconhecida como fator essencial e universal para a construção das funções psicológicas superiores.

Dessa forma, reafirma-se a relevância da mediação social como instrumento para potencializar as capacidades de crianças autistas, promovendo não apenas seu

desenvolvimento cognitivo, mas também sua humanização e participação ativa no contexto sociocultural.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo configura-se como uma pesquisa de natureza básica e abordagem qualitativa. A escolha pela abordagem qualitativa está pautada no destaque ao entendimento subjetivo e contextual dos processos humanos, buscando a compreensão profunda dos fenômenos, a valorização de significados, interpretações e percepções em detrimento da medição de variáveis. A pesquisa é de caráter exploratório, em detrimento da necessidade de maiores investigações e pouca veiculação da temática. Este método se apoia no levantamento teórico e identificação de relações para refinar a compreensão do tema, possibilitando o esclarecimento e formulação de novas perspectivas.

A pesquisa utiliza como procedimento metodológico, a revisão integrativa de literatura. Considerando que se trata de uma síntese crítica de conhecimentos prévios, que possibilita a identificação de convergências e divergências teóricas, essa abordagem contribui ao viabilizar a análise detalhada de produções científicas consolidadas, permitindo compreender a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural de Vygotsky, perante o desenvolvimento integral de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Conforme aponta Gil (2002), pesquisas de abordagem qualitativa são indicadas quando o objetivo é analisar e compreender fenômenos complexos, de modo a considerar os significados e contextos em que se manifestam, aspecto que converge com a perspectiva de interação social adotada neste estudo.

O levantamento bibliográfico foi conduzido em bases de dados acadêmicas de livre acesso, como Google Acadêmico e SciELO (Scientific Electronic Library Online), selecionando artigos publicados entre 2014 e 2025. Os descritores utilizados, combinados de diferentes maneiras, incluíram termos como *autismo infantil, mediação social, inclusão escolar, Vygotsky, Teoria Histórico-Cultural e Transtorno do Espectro Autista*. Inicialmente, encontrou-se 50 artigos relacionados ao tema; após a leitura dos resumos e a aplicação de critérios de seleção, adequação ao recorte temático, atualidade das publicações e relevância teórica, 14 artigos foram incorporados ao corpus da pesquisa, os quais estão dispostos no apêndice. Foram descartados da análise textos que apresentavam temáticas distantes do foco

da pesquisa, sem conexão com a perspectiva histórico-cultural ou restritos a abordagens exclusivamente biomédicas.

A análise dos dados envolveu uma leitura crítica e interpretativa dos artigos selecionados, buscando encontrar convergências, divergências e contribuições significativas para a compreensão da mediação social no desenvolvimento de crianças com TEA. Esse procedimento possibilitou articular a produção científica recente aos princípios de Vygotsky, oferecendo uma análise consistente sobre mediação social e interação no espectro autista, garantindo rigor acadêmico e subsídios para futuras intervenções.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Destaca-se como resultado, a mediação intencional e qualificada por adultos (professores, familiares e/ou profissionais), como um mecanismo potencializador de comportamentos simbólicos, comunicativos e de participação. Nesse sentido, a inclusão no âmbito escolar amplia as oportunidades de mediação social e cultural, favorecendo funções psicológicas superiores. Para tal, instrumentos mediadores materiais, como a comunicação alternativa e aumentativa e recursos pedagógicos, bem como interacionais (brincadeiras, narrativa e atenção compartilhada), são fundamentais na apropriação do conhecimento científico e para o desenvolvimento comunicativo. Entretanto, as pesquisas apontam de forma convergente que a inclusão de crianças com TEA vai além de sua mera inserção no espaço escolar, exigindo interações mediadas de maneira intencional e planejada.

Salientam-se ainda, limitações institucionais e formativas, bem como, a sobrecarga e invisibilidade dos cuidadores, sobretudo mães, que impactam o processo de desenvolvimento proximal da criança. Além disso, os estudos em análise trouxeram evidências quanto às limitações metodológicas recorrentes, como uso de amostras reduzidas ou selecionadas intencionalmente, escassez de estudos com dados longitudinais e provável interferência da presença do pesquisador. Nota-se também, a pouca quantidade de pesquisas que estipulam a união dimensional integrada entre cognitivo, emocional e social. Observa-se ainda uma concentração de estudos realizados em ambientes com maior suporte institucional e acesso a redes de apoio, o que traz restrições quanto à possibilidade de aplicação dos resultados para realidades com menor infraestrutura. Ademais, são poucas as análises referentes a mediação no meio familiar, o que salienta limitações teóricas e lacunas práticas ainda presentes na literatura.

Observa-se uma expansão no campo de pesquisa em TEA na última década de modo a acompanhar a maior visibilidade temática. Ainda assim, muitos artigos retomam autores do século XX, o que caracteriza a necessidade de releituras contemporâneas de conceitos base. Pesquisas atuais trazem contribuições associadas a essa perspectiva. Conforme demonstra Silva (2017), crianças com o diagnóstico TEA necessitam de mediações adequadas para desenvolverem de maneira qualificada a imaginação e simbolização. Assim, é fundamental que o mediador planeje e organize o ambiente, utilizando de recursos e materiais, caso necessário, que estimulem a imaginação e o interesse da criança. Nesse sentido, a brincadeira não acontece apenas de forma espontânea, mas com intenção pedagógica, visando auxiliar a criança na aprendizagem e desenvolvimento mútuo,

As análises de Silva (2017) destacam que crianças no espectro TEA iniciam o brincar focalizando objetos e, com o avanço nas interações sociais, essas passam a replicar gestos, expressões e, posteriormente, assumem papéis no faz de conta, tornando o brincar mais simbólico e criativo. As oficinas com mediação mostraram que a atuação planejada do adulto é decisiva para ampliar as potencialidades da criança, possibilitando que ela ultrapasse seus limites usuais. Além disso, a autora ressalta que o brincar constitui uma dimensão fundamental da infância, configurando-se como via central de inserção e apropriação do mundo social.

Sob a ótica da THC, a atividade lúdica de imaginação e representação constitui um aspecto essencial para o desenvolvimento simbólico de crianças com TEA, favorecendo uma compreensão mais ampla da realidade. Vygotsky (2008 *apud* Loureiro, Cardoso, Chiote, 2022) ressalta que a ação pedagógica deve se orientar pelas potencialidades da criança, sendo a mediação intencional do educador e as interações sociais fatores decisivos para a expansão de suas possibilidades de desenvolvimento (Loureiro, Cardoso, Chiote, 2022). Apesar de não esgotar o debate, esse campo de investigação revela lacunas e abre caminhos para novas pesquisas sobre a importância do brincar e da mediação pedagógica. Nesse sentido, a mediação, na perspectiva da THC, assume um caráter intencional e estruturante no processo educativo, ultrapassando a ideia de intervenção pontual e contribuindo também para a formação do professor.

Para Vygotsky, o desenvolvimento infantil não ocorre de maneira isolada, mas sempre em relação a outrem, que está presente em todas situações, incluindo as do cotidiano da criança. Seguindo essa perspectiva, Aires (2023) aponta que a relação social se configura como base estrutural no processo do desenvolvimento, sendo assim, como consequência, a

ausência da interação humana e da mediação cultural inviabilizaria a efetivação do desenvolvimento em sua totalidade.

Assim, a mediação adquire caráter central e estruturante, sendo fundamental ao desenvolvimento da criança. Essa concepção é sintetizada na conhecida afirmação de Vygotsky: “nós nos tornamos nós mesmos através dos outros” (2009), evidenciando que a subjetividade emerge das interações sociais. Com base nessa perspectiva, no contexto educativo de crianças com TEA, torna-se imprescindível que o planejamento pedagógico seja intencional, pois a qualidade das mediações não apenas garante o acesso ao conhecimento, mas também promove avanços significativos no desenvolvimento simbólico e psíquico (Aires, 2023).

Ademais, pesquisas na área da educação evidenciam o papel crucial do Estado do Conhecimento para mapear avanços e identificar lacunas nos estudos sobre autismo, especialmente diante do crescimento constante dos diagnósticos e das publicações acadêmicas. Aires (2023) traz destaque para exemplos significativos que incluem os trabalhos de Ferreira (2016), Bonotto (2016) e Vieira (2018), nos quais se reforça a relevância da mediação intencional no desenvolvimento de crianças com TEA. Ferreira destacou a importância de estratégias pedagógicas individualizadas, nas quais a mediação contínua se ajusta às formas de pensar, à memória e ao raciocínio de cada estudante. Aires (2023 *apud* Bonotto, 2016), mostrou que a Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) funciona como um instrumento de mediação eficaz, principalmente quando orientada pelas mães das crianças, enquanto Aires (2023 *apud* Vieira, 2018) apontou que o uso de tecnologias interativas, acompanhado de supervisão, promove emoções positivas e auxilia no manejo de frustrações.

Com base na análise dos materiais, observa-se que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem sido predominantemente estudado a partir da percepção tradicional biomédica, a qual enfatiza déficits e se concentra na classificação dos indivíduos (Aires, 2023). Essa abordagem destaca as dificuldades associadas à interação social, à comunicação e às estereotipias (movimentos repetitivos), porém tende a restringir a criança à dimensão patológica, desconsiderando os fatores sociais, culturais e históricos nos quais esta está inserida (Paoli; Machado, 2022).

Os dados indicam que essa concepção reducionista, limita a percepção atrelada às capacidades de aprendizagem e de interação social da criança. Em contrapartida, Santos,

Oliveira e Junqueira (2015) destacam a necessidade de compreensão holística do ser, reconhecendo o seu potencial de transformação e participação no meio social. Logo, os estudos ressaltam a urgência de superação da compreensão exclusivamente biomédica, ressaltando o caminho para uma perspectiva que ressalta a dimensão cultural, a mediação e as relações sociais, aspectos que possibilitam maior integração social e desenvolvimento do sujeito.

Assim, considerando as particularidades do TEA, é importante transcender as concepções reducionistas que se limitam a ressaltar fragilidades, e que consequentemente, negligenciam as capacidades das crianças. Nesse âmbito, a THC, formulada por Vygotsky, contribui diretamente para essa mudança de olhar ao destacar a importância das interações sociais e do meio no processo de desenvolvimento humano. Sob esse enfoque, na temática da educação infantil, a mediação pedagógica planejada e intencional torna-se um elemento fundamental para a promoção de aprendizagens significativas. Logo, a inserção de crianças com TEA em classes regulares assume relevância crucial, pois, por meio da atuação do professor e da convivência com os colegas, cria-se um espaço favorável ao desenvolvimento de aprendizagens culturalmente mediadas e socialmente significativas (Loureiro, Cardoso, Chiote, 2022).

Em síntese, esses estudos indicam que a mediação, seja pedagógica, familiar ou tecnológica, é de grande importância para favorecer o desenvolvimento das funções psicológicas, o aprendizado e a inclusão de crianças com TEA, devendo ser planejada, individualizada e afetiva. Loureiro, Cardoso e Chiote (2022) enfatizam a escola regular como um ambiente central para a aprendizagem social e cultural, pois proporciona o contato com diferentes formas de ser, promovendo não apenas a inclusão de crianças com TEA, mas também o desenvolvimento de uma comunidade escolar mais atenta e receptiva à diversidade. Nesse âmbito, o trabalho pedagógico com crianças autistas demanda considerações específicas sobre o desenvolvimento infantil, bem como, sobre a necessidade de proporção de atividades variadas que garantam diferentes modos de interação.

Além disso, o pesquisador ressalta a necessidade de novas investigações sobre formação de mediadores, utilização de tecnologias e práticas pedagógicas que potencializam o desenvolvimento integral desses alunos (Aires, 2023).

Partindo dessa premissa, o brincar ocupa papel central no desenvolvimento infantil, pois permite que a criança ultrapasse seu nível de atuação habitual e explore novas formas de

interação, algo particularmente relevante para crianças com TEA, que frequentemente enfrentam desafios no jogo simbólico (Vygotsky, 1998). Estudos como o de Silva (2017) indicam que uma mediação docente planejada favorece a progressão das atividades lúdicas, desde a exploração concreta de objetos até a representação de papéis imaginários, demonstrando o potencial de crescimento quando o ambiente é adequadamente estruturado. Dessa forma, a escola deve assegurar não apenas tempo e espaço para a brincadeira, mas também intervenções intencionais e o uso de recursos culturais, materiais e simbólicos, ampliando as oportunidades de aprendizagem e fortalecendo a construção das funções psicológicas superiores.

Aires (2023) destaca que, nesse contexto, o avanço da criança autista depende menos de aspectos biológicos e mais da qualidade das interações sociais e das experiências culturais que vivenciam. Sob a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural, a mediação intencional do professor e a interação com os colegas são elementos centrais para a formação do sujeito, para a ampliação de sua participação social e para o desenvolvimento pleno de suas competências.

A partir da análise realizada, observa-se que a mediação social, conforme fundamentada nos estudos de Vygotsky, representa um fator indispensável para a formação das funções psicológicas superiores (Vygotsky, 2007 *apud* Freitas; Silva, 2025). O conceito de ZDP evidencia que o processo de aprendizagem antecede e impulsiona o desenvolvimento, manifestando-se primeiramente nas interações sociais (nível interpsíquico) e, em seguida, sendo internalizado pelo indivíduo (nível intrapsíquico). Nesse sentido, reforça-se a ideia de que aprender não é uma atividade isolada, mas um fenômeno coletivo que se concretiza por meio da cooperação com adultos ou pares mais experientes (Granovsky, 2018).

Ao analisar conjuntamente os estudos, observa-se uma ampliação do conceito de mediação, que deixa de ser restrito ao professor e passa a incluir colegas, familiares e até artefatos culturais, como narrativas e tecnologias de comunicação alternativa. Esse aspecto aponta para a necessidade de compreender a inclusão como uma rede de mediações, e não como uma ação isolada, somado a isso, a mediação social vai além da mera transmissão de informações, abrangendo práticas de diálogo, trocas simbólicas, experiências compartilhadas e formas diversas de interação, que possibilitam o surgimento de competências cognitivas e socioemocionais mais complexas. Aliada à mediação instrumental, baseada no uso de ferramentas e recursos culturais, evidencia-se que ações pedagógicas planejadas e intencionais contribuem para converter noções abstratas em aprendizagens concretas, ampliando e fortalecendo as funções mentais superiores (Nascimento, 2024).

Os achados também indicam que práticas mediadoras desenvolvidas de maneira sistemática exercem impacto positivo no desenvolvimento integral de crianças com TEA. Atividades como brincadeiras, interações com colegas, uso de recursos visuais e materiais culturais, além de experiências de caráter simbólico, revelaram-se eficazes tanto para o aprimoramento de habilidades cognitivas quanto para a promoção da autonomia, da socialização e das dimensões socioemocionais (Silva, 2017; Loureiro, Cardoso, Chiote, 2022).

Nota-se que os estudos que relacionam o diagnóstico TEA a compreensão psicológica histórico-cultural são atuais e escassos, entretanto os artigos encontrados salientam que crianças com desenvolvimento atípico têm maior possibilidade de superação dos desafios relacionados às funções psicológicas superiores quando inseridas em contextos cheios de interações sociais e culturalmente mediados (Melo *et al.*, 2023; Freitas, Silva, 2025).

Tal constatação sustenta os pressupostos da abordagem histórico-cultural, a qual defende que os fatores biológicos não são, por si só, suficientes para explicar o desenvolvimento humano, sendo imprescindíveis as relações sociais e culturais para ampliar competências e viabilizar a inclusão.

Dessa forma, os resultados obtidos confirmam que práticas mediadoras intencionais e planejadas constituem estratégias eficazes para ressignificar dificuldades e transformá-las em oportunidades, favorecendo a construção de uma educação infantil inclusiva, em que crianças com TEA possam desenvolver plenamente suas capacidades cognitivas, emocionais e sociais, em alinhamento com os princípios da Teoria Histórico-Cultural de Vygotsky. Desse modo, a mediação desloca-se para além de um simples recurso metodológico, sendo princípio estruturante do desenvolvimento humano e expressão do movimento dialético presente na aprendizagem de crianças com TEA.

## 4 CONCLUSÃO

A pesquisa trouxe contribuições ao evidenciar a THC como alternativa às abordagens reducionistas, o que reforça a possibilidade de superação da perspectiva biomédica frequentemente observada nas atuais intervenções com crianças TEA. Segundo o embasamento teórico aplicado e desenvolvido por Vygotsky, o desenvolvimento da criança é um fenômeno social e histórico, sendo as relações estabelecidas entre os seres o catalisador do processo e a comunicação, a cultura e as experiências, as ferramentas utilizadas no processo,

desse modo, conclui-se que o aprimoramento das habilidades humanas representa uma dinâmica dialética e não apenas biológico.

Os resultados encontrados revelam o papel significativo da mediação como agente facilitador da aprendizagem, destacando as atividades programadas intencionalmente, a título de exemplo o brincar, as trocas em grupo e o uso de elementos culturais, como práticas que favorecem a elaboração das funções psicológicas superiores, estimulando o pensamento, as interações sociais e o reconhecimento das emoções.

Além disso, acentua-se que a mediação não é realizada apenas com psicólogo ou professor, família, colegas e recursos culturais também podem ser mediadores, contribuindo com o processo. Nota-se que tais elementos juntos, configuram uma rede de apoio que contribui com o desenvolvimento integral da criança.

A Teoria Histórico-Cultural, em última análise, estabelece-se como um pilar teórico indispensável para a redefinição das práticas pedagógicas, direcionando-as para uma abordagem mais humanizada, inclusiva e transformadora. Nessa perspectiva, os desafios e obstáculos não são mais percebidos como meras limitações, mas sim como oportunidades para o aprendizado, o desenvolvimento integral e a participação efetiva dos indivíduos.

Nesse sentido, compreender como a mediação social, fundamentada nos princípios da THC, pode favorecer aprendizagens significativas, autonomia e participação efetiva de crianças com TEA em ambientes de socialização, constitui não apenas um desafio teórico, mas também uma demanda prática e ética.

Em suma, a abordagem histórico-cultural traz compreensões sobre a aprendizagem como um processo social, dialético e mediado pela cultura, no qual a criança se forma e se transforma por meio de interações sociais e da apropriação dos signos historicamente produzidos. Essa perspectiva não apenas propicia fundamentos teóricos sólidos para interpretar o desenvolvimento humano, mas também orienta práticas pedagógicas que aprimoram a inclusão e o desenvolvimento integral de crianças com TEA, ao reconhecer o papel essencial da mediação nas relações educativas.

Diante dos resultados desta pesquisa, evidencia-se a importância de aprofundar o estudo das práticas interventivas fundamentadas na THC no contexto do autismo infantil. Este trabalho, portanto, constitui-se como um ponto de partida para futuras investigações que explorem de forma mais aplicada os princípios da mediação, da atividade e da formação

social da mente no desenvolvimento de crianças com TEA. Afinal, se o desenvolvimento é social, existe limite para a transformação humana?

## REFERÊNCIAS

- AIRES, Any Louize. A mediação na aprendizagem e desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista: uma leitura na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural. 2023. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR. 5. ed., texto revisado. Porto Alegre: Artmed, 2023.
- CAMBI, B.; CALDEIRA, A. D. Modelagem matemática, professor mediador-orientador e construtivismo: entrelaçamentos discursivos na constituição da figura docente. *Revista Brasileira de Educação*, v. 28, 2023.
- CHICON, J. F. et al. Brincando e aprendendo: aspectos relacionais da criança com autismo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 41, n. 2, p. 169–175, abr. 2019.
- FREITAS, A. P. de; SILVA, D. N. H. A potência da narrativa no desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista. *Pro-Posições*, v. 36, p. e2025c0301BR, 2025.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GRANOVSKY, Pablo. Zona de desenvolvimento proximal e formação profissional. *Laboreal*, Porto, v. 14, n. 2, p. 116–118, dez. 2018. Disponível em: [http://scielo.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1646-52372018000200012&lng=pt&nrm=iso](http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1646-52372018000200012&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 30 set. 2025. <https://doi.org/10.15667/laborealxiv218pgpt>
- LEMOS, E. L. de M. D.; NUNES, L. de L.; SALOMÃO, N. M. R. Transtorno do Espectro Autista e interações escolares: sala de aula e pátio. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 26, n. 1, p. 69–84, jan. 2020.
- LIMA, N. R. C. Alfabetização de crianças com transtorno do espectro autista : representações do professor. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/34313>> Acesso em: 30 set. 2025.
- LOUREIRO, L. T. de V.; FERNANDA. O brincar da criança com autismo na educação infantil: contribuições da abordagem histórico-cultural. *Anais do Seminário Nacional de Educação Especial e do Seminário Capixaba de Educação Inclusiva*, v. 4, n. 4, [s.d.].
- MARTINS, P.; MOREIRA, M. Autismo e educação: as contribuições da Psicologia Histórico-Cultural. *Cadernos de Psicologia*, v. 3, n. 6, 2021.
- MELO, S. C. D. et al. A bioecologia do autismo: uma análise dos relatos sobre as questões sociais que atravessam o desenvolvimento. *Educação em Revista*, v. 39, p. e39887, 2023.
- MOURA, E. A. et al. Os planos genéticos do desenvolvimento humano: a contribuição de Vigotski. *Revista Ciências Humanas*, v. 9, n. 1, 1 jul. 2016.

NASCIMENTO, Marianna Guimarães Medeiros do. Um estudo teórico do desenvolvimento infantil na perspectiva sociointeracionista de Piaget e Vygotsky para compreender o desenvolvimento da criança. 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/server/api/core/bitstreams/129a52f7-9b93-4fc0-b31c-d3fbc6ff301b/content>

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde – 10<sup>a</sup> revisão (CID-10). São Paulo: EDUSP, 1993.

PAOLI, J. de; MACHADO, P. F. L. Concepção de inclusão nas pesquisas em ensino de ciências com estudantes no espectro autista. Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte), v. 26, p. e52359, 2024.

SANTOS, Anderson Oramisio; OLIVEIRA, Guilherme Saramago; JUNQUEIRA, Adriana Mariano Rodrigues. RELAÇÕES ENTRE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO EM PIAGET E VYGOTSKY: O CONSTRUTIVISMO EM QUESTÃO. Itinerarius Reflectionis, Jataí-GO., v. 10, n. 2, 2015. DOI: 10.5216/rir.v10i2.32621. Disponível em: <https://revistas.ufj.edu.br/rir/article/view/32621>. Acesso em: 4 nov. 2025.

SILVA, M. O brincar de faz de conta da criança com autismo : um estudo a partir da perspectiva histórico-cultural. Icts.unb.br, 9 mar. 2017.

VYGOTSKY, L. S. Fundamentos da pedologia. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Pensamento e linguagem*. Edição eletrônica. São Paulo: Ridendo Castigat Mores, 2001. eBook. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/0B3GQrRvm4KXOM1ZmZVBVZE1OeHc/view?resourcekey=0-wBrSAW7LnPC\\_CTxm8\\_7D8g](https://drive.google.com/file/d/0B3GQrRvm4KXOM1ZmZVBVZE1OeHc/view?resourcekey=0-wBrSAW7LnPC_CTxm8_7D8g) Acesso em: 23 de julho de 2025.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VYGOTSKI, L. A FORMAÇÃO SOCIAL DA MENTE. [s.l: s.n.]. Disponível em: <[https://www.mackenzie.br/fileadmin/ARQUIVOS/Public/1-mackenzie/universidade/pro-reitoria/graduacao-assuntos-acad/forum/X\\_Forum/LIVRO.VYGOTSKY.FORMACAO.MENTE.pdf](https://www.mackenzie.br/fileadmin/ARQUIVOS/Public/1-mackenzie/universidade/pro-reitoria/graduacao-assuntos-acad/forum/X_Forum/LIVRO.VYGOTSKY.FORMACAO.MENTE.pdf)>. Acesso em: 23 de julho de 2025

## APÊNDICE - TABELA DE COMPARAÇÃO ENTRE ARTIGOS ANALISADOS

**Tabela 1 - Comparação entre artigos analisados**

<b>Artigo</b>	<b>Síntese da Contribuição e Foco Temático</b>
Brincando e aprendendo: aspectos relacionais da criança com autismo	A mediação promove atenção compartilhada e inclusão, com o brincar atuando como ferramenta pedagógica.
O brincar da criança com autismo na Educação Infantil	Papel do professor como mediador, a mediação pedagógica intencional potencializa a simbolização e a inclusão.
Vygotsky e o desenvolvimento infantil	Brincar como fundamento para o desenvolvimento cognitivo, promovendo linguagem, imaginação e pensamento abstrato.
Piaget e Vygotsky: estudo comparativo	Integrar as visões de Piaget e Vygotsky, unindo aspectos biológicos e socioculturais para aprimorar as práticas pedagógicas.
Zona de desenvolvimento proximal e formação profissional	Amplia a discussão da ZDP, a aprendizagem depende da interação com pares mais experientes.
TEA e interações escolares	Interações são mais frequentes em atividades livres, a centralidade da mediação docente como facilitadora em contextos variados.
Relações de cuidado junto a pessoas com TEA	O cuidado é relacional e multidimensional, atravessado pela cultura e interdependências
Intervención en un niño con autismo mediante el juego	Demonstra a eficácia da intervenção lúdica histórico-cultural, que fortaleceu habilidades comunicativas, emocionais e simbólicas.
Brincar e ensinar em crianças com TEA na EI	Conclui que as percepções docentes sobre o brincar influenciam as práticas pedagógicas, destacando a formação de professores como central para a inclusão.
Método DHACA – desenvolvimento morfossintático	Oferece evidência empírica de intervenção eficaz em linguagem, mostrando avanços expressivos na produção de frases e funções pragmáticas.
Bioecologia do autismo	Integra Bronfenbrenner e Vygotsky, destacando que relações familiares e políticas públicas afetam o desenvolvimento e apontando desigualdades sociais.

Potência da narrativa no TEA	Mostra o valor da linguagem como ferramenta de desenvolvimento, indicando que narrar potencializa imaginação, emoção e formação de conceitos.
Mediação na aprendizagem de crianças com TEA	Reforça a importância da mediação de pais, professores e colegas para a ampliação das Funções Psicológicas Superiores (FPS) e da formação docente.
Autismo e Educação: contribuições da PHC	Defende práticas inclusivas e emancipadoras, sugerindo a ruptura com o ensino tradicional, visto que a educação ainda é deficitária.